

SASHA ROSENEIL

Viver e amar para lá da heteronorma: Uma análise *queer* das relações pessoais no século XXI

O presente artigo propõe-se desenvolver uma abordagem *queer* do estudo das relações pessoais. Inserindo-se no contexto das importantes transformações ocorridas na organização da vida pessoal ao longo dos últimos trinta anos, ele defende que os sociólogos devem desalojar a família e o casal heterossexual do lugar central que ocupam no nosso imaginário intelectual. Faz-se uma crítica à sociologia, motivada pelos quadros heteronormativos em função dos quais esta tem estudado as relações pessoais. De seguida propõe-se um alargamento do quadro usado para a análise das transformações contemporâneas da intimidade, defendendo-se a importância de uma análise *queer* das mudanças sociais, e sugere-se a necessidade de uma investigação centrada nas pessoas que vivem na crista dessas mudanças. Por fim, termina-se com uma panorâmica dos resultados da investigação mais recente da autora sobre as práticas de relação de quem vive e ama para lá da heteronorma.

Há neste início do século XXI, no Ocidente, cada vez mais pessoas a passar períodos de tempo cada vez mais longos das suas vidas fora da unidade convencional família.¹ Há processos de individuação que estão a pôr em causa o casal heterossexual romântico e a formação familiar moderna de que este tem sido suporte, ao mesmo tempo que tem vindo a abrandar o poder normativo em que se alicerça a família moderna no que respeita ao sexo e à diferença sexual. Neste contexto, muito do que acontece na vida pessoal de cada um tem lugar, cada vez mais, para lá de “a família”, seja entre parceiros que não vivem juntos “como família”, seja no interior de redes de amigos e/ou amigas.

O presente artigo desenvolve uma analítica com vista ao estudo das relações pessoais, baseada numa avaliação da grande variedade de modos como as pessoas vivem fora da heteronorma. A tese central é que, para

¹ O presente artigo baseia-se em grande medida em Roseuil e Budgeon (2004) e Roseuil (2005). Para um aprofundamento das propostas aqui contidas, ver Roseuil (2007).

entender o estado actual e o futuro provável das relações pessoais, teremos, enquanto sociólogos, de desalojar a família e o casal heterossexual do lugar central que têm ocupado no nosso imaginário intelectual. A primeira secção faz uma crítica à sociologia, motivada pelos quadros heteronormativos em função dos quais esta tem estudado as relações pessoais. A secção seguinte propõe um alargamento do quadro usado para a análise das transformações contemporâneas da intimidade, defendendo a importância de uma análise *queer* das mudanças sociais, e sugerindo a necessidade de uma investigação centrada nas pessoas que vivem na crista dessas mudanças. O artigo termina com uma panorâmica dos resultados da minha investigação mais recente sobre as práticas de relação de quem vive e ama para lá da heteronorma.

Pensar para lá da família heteronormativa

Como pode ver-se pelo sucesso global alcançado por uma multiplicidade de séries de televisão de que são exemplo *Friends*, *Seinfeld*, *Ellen*, ou *Will & Grace*, a cultura de massas tem levado grande vantagem sobre a sociologia no que toca à oferta de histórias em que se explora a florescente diversidade característica da vida pessoal de cada um. Em cada uma dessas séries de TV, é a sociabilidade de um grupo de amigos, e não tanto a família no sentido convencional do termo, que proporciona o amor, o cuidado e o apoio essenciais ao quotidiano das cidades. A popularidade destas séries é de molde a sugerir que estas transmitem algo de importante sobre as vidas dos respectivos espectadores. No entanto, se formos à sociologia em busca de bibliografia para procurar entender o mecanismo das relações, parece que o amor, a intimidade e o cuidado se desenrolam quase exclusivamente sob os auspícios da “família”.

Têm-se efectivamente verificado, em subcampos específicos das sociologias da família e do género, mudanças significativas. Estas têm, por exemplo, procurado dar resposta, quer ao desafio empírico colocado pelas alterações verificadas nas relações familiares e de género, quer ao desafio teórico advindo das perspectivas de ordem anti-essencialista, pós-moderna, feminista, étnico-minoritária, negra, lésbica e *gay*, mais a sua ênfase na diferença e na diversidade. Mais do que isso, essas sociologias, inicialmente centradas no estudo da “família e comunidade”, “agarradas uma à outra como gémeos siameses” (Morgan, 1996: 4), iriam posteriormente debruçar-se sobre a primeira fase da acção feminista, centrada nas divisões desiguais do género quanto à prestação de cuidados e à intimidade vivida na família (Graham, 1987; Duncombe e Marsden, 1993; Finch, 1989), passando finalmente para uma preocupação predominantemente centrada

na análise das mudanças ocorridas na família – especialmente através do estudo do divórcio, da reconstituição de casais e da coabitação – e no reconhecimento da diversidade familiar (Smart e Neale, 1999; Stacey, 1996; Silva e Smart, 1998).

Além disso, muitos dos sociólogos que se dedicam ao estudo da família têm-se debruçado sobre o problema do próprio conceito de “família”, numa época marcada por níveis crescentes de desagregação e re-composição familiar. Assim, David Morgan (1996), por exemplo, sugere que usemos a palavra “família” mais com um sentido adjetivo do que como substantivo, propondo a noção de “práticas de família” para contrariar a reificação do conceito. Outros autores, na tentativa de encontrar resposta para as transformações sociais e para os desafios colocados pelos movimentos *gay*-lésbicos e seus teóricos, têm pluralizado a noção de “família”, optando por isso, hoje em dia, por falar sempre em “famílias”. A abordagem actualmente dominante, nas sociologias anglo-americanas do género e da família, acentua a diversidade das suas formas e experiências e o modo como a pertença à família tem sofrido variações ao longo do tempo, à medida que esta se tem vindo, ela própria, a desagregar e re-compor. Não há dúvidas de que, nas suas encarnações mais progressistas, esta abordagem acolhe as “famílias de escolha” *gays* e lésbicas sob a “tenda da família” (Stacey, 2002, 2004).

Esta mudança foi importante. Ela vem contrapor-se ao discurso político dos “valores da família”, um discurso anti-*gay* e antifeminista que ganhou força nos Estados Unidos da América e no Reino Unido durante as duas últimas décadas do século XX (Roseneil e Mann, 1996; Stacey, 1996; Weeks, 1995; Wright e Jagger, 1999). Mas estas tentativas de pluralizar as noções de “família”, mesmo quando acolhem o estudo de famílias *gays* e lésbicas, revelam-se insuficientes para a tarefa que é entender toda a gama de formações contemporâneas da vida pessoal, e isso por duas razões. Primeiro, porque não mudam em nada a heteronormatividade do imaginário sociológico; e, segundo, porque se baseiam numa análise inadequada das transformações sociais contemporâneas.

Não obstante ter alargado o âmbito do significado do termo “família” por forma a abranger um leque mais amplo de “famílias de escolha”,² a sociologia continua a marginalizar o estudo do amor, da intimidade e do cuidado vividos para lá da realidade familiar. A disciplina estriba-se em

² Ingraham (1996) sustenta que a sociologia feminista e a sociologia do género, mais os estudos empreendidos por uma e outra sobre, especificamente, a violência sexual, o casamento e a família, dependem de um imaginário heterossexual, defendendo também que o estudo do género deve dar lugar ao estudo do heterogénero.

pressupostos heteronormativos; ou seja, em “instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que fazem com que a heterossexualidade pareça não apenas coerente – quer dizer, organizada como uma sexualidade – mas também privilegiada” (Berlant e Warner, 2000: 312). Os investigadores continuam a produzir análises esmagadoramente centradas nas relações (sobretudo hetero-)sexuais de tipo monógamo, diádico, co-residente, e de que resultaram filhos, bem como nas transformações ocorridas no interior de tais relações. O inquérito sistemático sobre a investigação sociológica britânica levado a cabo por Jo Van Every (1999) e os escritos publicados por esta autora em 1993 sobre a realidade das famílias e dos agregados permitem concluir que existe “um esmagador enfoque na ‘família nuclear moderna’”, que, por sua vez, consta de casais unidos pelo matrimónio e vivendo em agregados familiares apenas com os filhos. Van Every sustenta de modo convincente que, “não obstante as advertências da sociologia quanto à dificuldade de definir a família e a pluralidade e diversidade das formas que esta assume nas sociedades contemporâneas (pós-modernas?), os sociólogos foram ajudando a construir uma família ‘normal’, parecidíssima com aquela que uma geração anterior de sociólogos se sentira à vontade para definir” (1999: 167).

As “intimidades situadas fora do padrão” (Berlant e Warner, 2000), criadas por aqueles que vivem sexualidades não-normativas, vêm colocar especiais desafios a uma disciplina que sempre estudou a vida pessoal primordialmente por via do estudo das famílias. Alguns *gays* e lésbicas referem-se às redes afectivas em que se inserem, de modo muito deliberado – e muitas vezes com uma ironia intencional –, como sendo a sua “família”.³ Quando, porém, autores como Kath Weston (1991), Jeffrey Weeks *et al.* (2001) e Judith Stacey (2004) adoptam a expressão “famílias de escolha” para se referirem às relações lésbicas e *gay* e às redes de amizade, tal facto pode efectivamente desviar a atenção da natureza extrafamiliar e radicalmente contra-heteronormativa de muitas destas relações.

A investigação sociológica e antropológica demonstra amplamente que a amizade é especialmente importante para as lésbicas e os *gays* (Altman, 1982; Weston, 1991; Nardi, 1992 e 1999; Weeks, 1995; Preston e Lowenthal, 1996; Roseneil, 2000; e Weeks, Heaphy e Donovan, 2001). O contexto em que umas e outros vivem as respectivas vidas pessoais é formado por redes de amigos, que desse modo lhes oferecem estabilidade

³ Weston (1991), Nardi (1993, 1999), Preston e Lowenthal (1996), Weeks, Heaphy e Donovan (2001). Debruçando-se sobre as diferenças dos respectivos entrevistados no que se refere à adopção do termo “família” para descrever as suas relações íntimas, Weeks, Heaphy e Donovan reconhecem que muitos deles rejeitam o termo.

emocional, companhia, prazer, e ajuda no plano prático. Por vezes alvo de rejeição, de objecção e de exclusão pelas respectivas famílias de origem, lésbicas e *gays* constroem e mantêm vidas que correm o seu curso fora do quadro da família nuclear heterossexual, estribando a sua segurança emocional e o seu quotidiano nos respectivos grupos de amigos. Estudos como os de Weeks, Heaphy e Donovan (2001) ou como os de Roseneil (2000) chamam a atenção para o esbatimento das fronteiras e para a fluidez das relações sexuais e de amizade que frequentemente caracterizam as intimidades *gay* e lésbica nos dias de hoje. Há amigos e amigas que se tornam amantes, amantes que evoluem para relações de amizade, e existe muita gente que tem parceiros sexuais com graus variáveis (ou nenhum grau) de comprometimento. Com efeito, a nossa “pessoa de eleição” pode ser alguém com quem não mantemos um relacionamento sexual. As intimidades não-heteronormativas – ou seja, relações significativas e definidoras de toda uma vida, estabelecidas entre amigos, amantes não-monógamos, ex-amantes, parceiros a viver separados, ou entre pessoas que simplesmente não se encaixam no sistema de classificação binária “amigo(a)”/”amante” – e as redes de relações em que tais intimidades acham (ou não) o seu suporte, têm o seguinte significado: elas destronam a centralidade habitualmente conferida às ligações com parceiros sexuais, além de que questionam o privilegiar das relações conjugais por parte da investigação sobre a intimidade. Tais práticas, relações e redes raramente são objecto de menção no contexto de uma literatura sociológica onde se conserva um imaginário que, sem explicitamente o reconhecer, vê o casal heterossexual como sendo o cerne da formação social, o coração que bombeia o sangue da reprodução social.

Na realidade, pouco mudou desde que, em 1979, Beth Hess chamou a atenção para a circunstância de “não existir um grande *corpus* chamado ‘sociologia da amizade’” (Jerrome, 1984: 699), que sirva de arquivo alternativo ao estudo da intimidade e do cuidado para lá da família. Mas não foi só a heteronormatividade da disciplina que remeteu a amizade para um estado de grande invisibilidade. Igualmente importante, nesse processo, foi o facto de a tradição sociológica, a partir dos seus fundadores – a distinção de Tönnies entre *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*, o trabalho de Marx sobre a alienação, os contributos de Durkheim sobre as formas de solidariedade social, ou ainda os de Weber a propósito da burocratização e da Escola de Chicago sobre urbanização –, ter partido do pressuposto de que o desenvolvimento da modernidade torna as relações pessoais cada vez mais impessoais, com os vínculos afectivos a ser vistos como algo cada vez mais marginal. O resultado foi que a disciplina nunca conferiu ao

estudo das relações informais, privadas, e de sociabilidade uma importância idêntica àquela com que tratou as questões de organização pública, económica e política.⁴

A amizade situa-se no âmbito daquilo que proporciona prazer, tanto emocional como afectivo, e essas são áreas relativamente descuidadas pelos sociólogos sérios, apostados na pesquisa dos mecanismos de afirmação da ordem, e concretamente das questões de estrutura, da regulação e da institucionalização. É possível encontrar excepções, como sejam a obra de Simmel (1950), os trabalhos etnográficos de Whyte (1943) sobre a *street corner society* (“sociedade da esquina”), os escritos de Litwak e Szelenyi (1969) sobre os “grupos primários” constituídos por familiares e amigos, e ainda a investigação desenvolvida nas décadas de 1950 e 1960 em torno da tradição britânica dos *community studies*. Em tempos mais recentes, surgiu um pequeno número de estudos sobre a amizade (Booth e Hess, 1974; Fischer *et al.*, 1977; Fischer, 1982a; 1982b; Allan, 1979; Hess, 1972; 1979), Jerrome, 1984; O’Connor, 1992; Hey, 1997; Adams e Allan, 1998; Nardi, 1999; Pahl, 2000; Pahl e Spencer, 2004; Spencer e Pahl, 2006), assistindo--se também ao crescimento de um campo de investigação sobre novas formas de sociabilidade impulsionadas pelas novas tecnologias (Rheingold, 1993; Shields, 1996; Wakeford, 1998), no entanto a disciplina não dispõe, para o estudo da amizade, de um subcampo que possa comparar-se à já bem firmada sociologia da família e do parentesco. É tempo de mudar tal situação, no sentido de uma investigação centrada na amizade, nas formas “não-convencionais” de relacionamento sexual/amoroso, e nas conexões recíprocas entre uma e outras.

As transformações sociais *queer* e a análise da vida pessoal contemporânea

Há toda uma vasta bibliografia que possui como ponto de partida a crença segundo a qual estamos presentemente a atravessar um período de profundas transformações sociais no que se refere à organização da vida pessoal contemporânea. Assim, Manuel Castells (1997), por exemplo, no contexto de uma tese mais abrangente e relativa ao desmembramento do sistema de patriarcado, propõe que a família patriarcal é hoje alvo de um questionamento intenso e que os movimentos lésbico, *gay* e feminista verificados em todo o mundo são fundamentais para se entender esse questionamento. A tese de Anthony Giddens (1992) relativa à “transformação da intimidade” e o trabalho de Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (1995, 2002) sobre

⁴ Esta mesma ideia é defendida por Graham Allan, um dos poucos sociólogos britânicos que fizeram do estudo da amizade o campo privilegiado da sua investigação (Allan, 1979 e 1989; Adams e Allan, 1998).

os significados e as práticas em mutação no que concerne às relações amorosas e familiares são de molde a fazer crer que, no mundo contemporâneo, os processos de individuação e de des-tradicionalização e a auto-reflexividade crescente estão a fazer com que se abram novas possibilidades e novas expectativas para as relações heterossexuais.⁵

Com não mais que uma apressada vénia na direcção do activismo feminista e da investigação efectuada nessa área, aqueles trabalhos reconhecem a relevância das mudanças ocorridas nas relações entre os sexos e devidas, na sua maioria, à alteração de consciências e de identidades vivida pelas mulheres na sequência do movimento de libertação da mulher. Giddens considera que as transformações presentemente em curso no domínio da intimidade são de uma “enorme e generalizável importância” (Giddens, 1992: 2). Este autor traça as alterações verificadas na natureza do casamento, como seja o surgimento da “relação pura” caracterizada pelo “amor confluyente”, uma relação de igualdade sexual e emocional entre homens e mulheres. Giddens associa este facto ao desenvolvimento da “sexualidade plástica”, “liberta das necessidades de reprodução” (Giddens, 1992: 2). Por isso ele vê as lésbicas e *gays* como os “pioneiros” da relação pura e da sexualidade plástica, gente na vanguarda dos processos de individuação e de des-tradicionalização.⁶ Segundo Beck e Beck-Gernsheim, “a ética do êxito e da realização pessoal constitui a marca mais forte da sociedade moderna (2002: 22). Estes autores acreditam que o desejo de ser “um ser humano capaz de tomar decisões e de moldar a realidade, que aspira a ser o autor ou autora da sua vida”, está a dar origem a modificações inauditas na forma que a vida em família assume. A pertença a uma família deixa de ser um dado adquirido para passar a ser uma questão de escolha. À medida que os vínculos sociais se tornam reflexivos e que, cada vez mais, a individuação caracteriza as relações entre os membros de uma mesma família, avançamos para o mundo da “família pós-familiar” (Beck-Gernsheim, 2002).

Se é certo que todo este conjunto de trabalhos exagera talvez o grau das mudanças verificadas, subvalorizando, ao mesmo tempo, a persistência das desigualdades de género e das diferenças de classe no plano da vida íntima (Jamieson, 1998), por outro lado ele desenha o terreno teórico a partir do qual a pesquisa do futuro da vida pessoal deve prosseguir, além de que demons-

⁵ A investigação sobre os deveres da família, levada a cabo por Finch (1989) e por Finch e Mason (1993), sugere que os laços familiares são hoje em dia entendidos menos como obrigações constituídas por laços de sangue fixos do que como compromissos negociados, que se diferenciam de outras relações de uma forma mais ou menos clara.

⁶ Neste seu reconhecimento das identidades e práticas não-heterossexuais, a obra de Giddens difere das de Beck e de Beck-Gernsheim, uma vez que estas não têm em conta o facto de se ocuparem exclusivamente da heterossexualidade.

trou ser uma influência marcante para aqueles que estão a fazer investigação empírica sobre as transformações da família. Contudo, toda essa literatura referida está longe de esgotar os recursos necessários à análise teórica das mudanças sociais contemporâneas, de que deve lançar mão quem hoje quiser abalancar-se à compreensão das culturas da intimidade e do cuidado. É, com efeito, importante ver também as transformações que a organização sexual do social, considerada em sentido amplo, está actualmente a atravessar.

Pretendo lançar a ideia de que assistimos hoje em dia a uma significativa desestabilização do binário homossexual/heterossexual, tão característico da ordem sexual moderna. A relação hierárquica entre os dois lados deste binário, bem como a sua transposição para uma oposição de tipo dentro/fora (Fuss, 1991), estão a ser sujeitas a um questionamento intenso. Há no mundo contemporâneo um conjunto de “tendências *queer*”⁷ que estão a contribuir para a quebra desse binário. Há, por exemplo, na maioria dos países, uma corrente no sentido da “normalização” do homossexual (Bech, 1999), e há também passos progressistas no sentido da igualização das condições sociais e jurídicas concedidas às lésbicas e aos *gays*.⁸ A aprovação em 2004, no Reino Unido, da lei das União Civis (“Civil Partnerships Act”) é disso um dos melhores exemplos, já que concede um estatuto jurídico parecido com o do casamento aos casais de lésbicas e *gays* que desejem oficializar a respectiva união. Tal facto aproxima institucionalmente lésbicas e *gays* da heteronorma, assinalando uma viragem significativa no entendimento público da noção de casal de cônjuges. E desta forma, aos olhos da lei, das políticas sociais, e da cultura pública os modos de vida homossexual e heterossexual passam a ter diferenças menos vincadas.⁹

Mais relevante para a minha presente argumentação, porém, é a circunstância de existir uma tendência para o fim da centralidade das hetero-relações, tanto no plano social como do do indivíduo. O casal heterossexual e, em especial, o casal heterossexual unido pelo matrimónio, com filhos e vivendo em coabitação, deixou de ocupar o lugar central que tinha nas sociedades ocidentais, não podendo, por isso, continuar a dar-se como adquirido que seja tomado por unidade básica da sociedade. Tal aconteceu em resultado das transformações sociais acima esboçadas, com saliência para o

⁷ Para uma explanação mais pormenorizada, ver Roseneil 2000 e Roseneil 2002. Essas tendências *queer* são as seguintes: a autocritica *queer*, a perda de centralidade das hetero-relações, o surgimento da hetero-reflexividade, e a valorização cultural do *queer*. A palavra “tendência” é aqui utilizada de modo deliberado, para traduzir a natureza ainda provisória destas alterações e tendo em mente a existência de tendências de sentido oposto. A utilização do termo deve-se a Sedgwick (1991).

⁸ Adam, 2001. Sobre o excepcionalismo norte-americano, ver Adam, 2003.

⁹ Para uma crítica das limitações da Lei das União Civis do ponto-de-vista *queer*, ver Roseneil, 2004.

aumento da taxa de divórcio, dos nascimentos fora do casamento, da monoparentalidade, do viver só e da ausência de filhos. As pessoas estão a libertar-se do guião heterossexual tradicional e dos padrões de hetero-relacionalidade que lhe costumam andar associados. Por toda a Europa, assim como na América do Norte e na Austrália, a família convencional é hoje, e cada vez mais, uma prática minoritária. No Reino Unido, por exemplo, entre 1971 e 2005 a percentagem de agregados constituídos por um casal heterossexual com filhos dependentes caiu de 35% para 22%, enquanto a percentagem da população a viver inserida em agregados caiu de 52% para 37% (*Social Trends*, 2006). O número de agregados monoparentais aumentou de 3% para 7%, ou seja, para mais do dobro,¹⁰ enquanto o número de pessoas a viver sozinhas disparou de 18% para 29%, sendo que a subida mais acentuada, de 6% para 15%, se deu na população abaixo da idade da reforma e, concretamente, no grupo etário situado entre os 25 e os 44 anos, quer dizer, exactamente aquele formado por pessoas de quem mais se esperaria que se fixassem de acordo com o modelo do casal heterossexual e reprodutivo (*Social Trends*, 2006).¹¹ Tudo isto significa que os arranjos e disposições do viver contemporâneo são diversos, fluidos e estão ainda em evolução, e que as hetero-relações deixaram de ter a hegemonia que já tiveram.

Alguns sociólogos têm vindo a reconhecer a importância destas mudanças ocorridas na organização sexual do social. Judith Stacey entende-as em termos de uma “*queerização da família*” (Stacey, 1996): os significados associados à ideia de família estão a ser submetidos a desafios radicais, agora que um número cada vez maior de grupos de parentesco se vão mostrando capazes de aceitar toda a diversidade de práticas sexuais e de disposições de vida em comum adoptadas pelos seus membros. Stacey adianta que serão poucas, hoje, as famílias em que não haja pelo menos alguns membros – sejam mulheres divorciadas, mães e pais solteiros, lésbicas, homens bissexuais ou *gays* – que divirjam da prática hetero-relacional normativa e tradicional. A observação de Anthony Giddens segundo a qual lésbicas e *gays* estão a abrir caminhos novos tanto para si próprios como para as pessoas heterossexuais é retomada por Jeffrey Weeks, Brian Heaphy e Catherine Donovan, os quais sugerem que “um dos traços mais notórios das transformações ocorridas no plano doméstico nos últimos anos é [...] o surgimento

¹⁰ Número relativo a pais ou mães a viver sós e com filhos dependentes de si.

¹¹ Reconheço que a maioria dos filhos nascidos fora do casamento pertence a casais em regime de coabitação, tal como reconheço, de uma maneira geral, o aumento da prevalência (Ermisch e Francesconi, 2000; Lewis, 2001) e da aceitação social da coabitação entre casais heterossexuais (Barlow, Duncan, James e Park, 2000). Isso em nada retira força ao argumento da perda de centralidade, em primeiro lugar, do casal heterossexual unido pelo casamento, e em segundo lugar, do casal heterossexual *per se*.

de padrões comuns nos modos de vida tanto homossexuais como heterossexuais, em consequência daquelas mudanças de longo prazo sofridas pelos padrões de relacionamento” (Weeks, Heaphy e Donovan, 1999: 85). Para estes autores, homossexuais e heterossexuais anseiam, de igual modo, por uma “relação pura”, vivem o amor como algo de contingente e confluyente, e procuram viver os seus relacionamentos sexuais em termos de uma ética da amizade (Weeks, Heaphy e Donovan, 2001).

O que tudo isto parece indicar é que é necessário aprofundar a investigação, de maneira a explorar melhor as vidas de quem se encontra na vanguarda destes processos de transformação social. E foi isso, precisamente, que se propôs fazer o “Care, Friendship and Non-Conventional Partnership Project” (“Projecto sobre o Cuidado, a Amizade e as Uniões Não-Convencionais”).

Viver e amar para lá da heteronorma

A perda de centralidade das hetero-relações indiciada pelo conjunto dos dados estatísticos analisados fornece o pano de fundo à investigação de tipo qualitativo que eu próprio tenho vindo a levar a cabo, sobre as práticas contemporâneas da vida pessoal. O “Projecto sobre o Cuidado, a Amizade e as Uniões Não-Convencionais”¹² partiu do reconhecimento de que é cada vez maior o número de pessoas a viver fora do convencionalismo das hetero-relações, e centrou-se naqueles que pode dizer-se caracterizados pelo mais elevado grau de individuação na nossa sociedade – as pessoas que vivem sem companheiro ou companheira. A investigação debruçou-se, então, sobre quem é importante para as pessoas que vivem fora do casal heteronormativo convencional, o que é que essas pessoas valorizam nas respectivas relações pessoais, que atenções ou cuidados prestam àqueles que consideram importantes para si, e que atenções ou cuidados prestam a si próprias.

Foram feitas entrevistas em profundidade a 53 pessoas com idades entre os 25 e os 60 anos, em três localidades do Norte de Inglaterra: uma antiga cidade mineira, relativamente convencional no que concerne a relações entre os sexos e de família; uma cidade pequena, em que os estilos de vida alternativos, “descontraídos” e de classe média e o desalinhamento dos padrões sexuais são uma realidade comum; e um bairro urbano multi-étnico, caracterizado por um leque variado de práticas relativas à diferença sexual e à

¹² O projecto, coordenado por Sasha Roseneil, contou também com os investigadores Shelley Budgeon e Jacqui Gabb. Para uma reflexão mais pormenorizada da metodologia seguida e dos resultados, ver Roseneil e Budgeon, 2004. Para mais trabalhos relativos aos temas da intimidade e do cuidado para lá da família convencional, ver os contributos incluídos em Budgeon e Roseneil, 2004.

família, por uma população activa com uma percentagem de mulheres acima da média, e por um elevado número de agregados de uma só pessoa e sem casais. A amostra compreendeu homens e mulheres, com e sem filhos, representativos de um vasto espectro no respeitante a idade, perfil étnico e sócio-económico, ocupação e orientação sexual, e apresentando uma larga diversidade nos arranjos e disposições domésticos dos respectivos agregados. O estudo proporcionou uma visão pormenorizada dos contornos e da textura da vida pessoal de um conjunto de indivíduos que não vivem na metrópole *queer* e dos quais só muito poucos se identificam como sendo radicais no respeitante a género e sexo. Mesmo assim, a investigação feita encontrou provas de algumas práticas de intimidade de tipo decididamente contra-heteronormativo. Foram elas o estatuto prioritário conferido à amizade, a perda de centralidade das relações sexuais/amorosas nas narrativas de vida das pessoas, e a experimentação para lá da conjugalidade heteronormativa.

A amostra revela, de uma forma consistente, que quer os homens quer as mulheres das três localidades e de todas as idades, estilos de vida, ocupações e perfis sexuais, atribuíam um valor elevado aos seus amigos e amizades. Verificou-se a ocorrência de um sólido discurso acerca da importância e da necessidade da amizade num mundo caracterizado pela mudança e pela insegurança. Os amigos figuravam com mais frequência do que os pais ou os irmãos no círculo mais íntimo dos mapas de relacionamento que pedimos aos entrevistados para desenharem, sendo pequenas as diferenças, quanto à importância atribuída aos amigos, entre as pessoas a viver sozinhas e as pessoas a viver em relações a dois. Era sobretudo dos amigos que, em grande parte, provinha o cuidado e o apoio emocional recebido pelos entrevistados, principalmente quando confrontados com o fim de uma relação sexual/amorosa, bem como muita da ajuda prática e do apoio recebidos no dia-a-dia. A maioria dos entrevistados contava, entre a sua “comunidade pessoal” (Pahl e Spencer, 2004), com um misto de amizades de longa data e outras mais recentes, e na sua maior parte contava também com um leque de amigos com um grau variável de proximidade. Muitos possuíam uma comunidade de eleição, isto é, uma constelação de amigos a viver numa mesma área, e outros haviam-se esforçado activamente por construir entre a vizinhança uma comunidade de amigos, fosse mudando de casa para ir morar perto de amigos, fosse incentivando os amigos a vir morar perto de si. Estas redes de amizade locais mantinham hábitos de convivência e dedicavam-se a tarefas várias de apoio mútuo, como por exemplo no que se referia a tratar dos filhos.¹³ O espaço físico do lar, que

¹³ Registam-se, aqui, semelhanças com o trabalho clássico de Stack (1974) sobre a importância da amizade nas estratégias de sobrevivência de uma comunidade negra.

no Reino Unido, desde a ascensão do modelo igualitário de casamento chamado *companionate marriage*, anda culturalmente associado ao casal de cônjuges e à família nuclear, tornou-se um lugar muito menos privativo, aberto agora às visitas dos amigos, que lá vão para “estar à vontade” e por vezes para ficar durante períodos prolongados, sobretudo em alturas de crise pessoal. Foram várias as pessoas entrevistadas que consideraram como seus amigos próximos os ex-amantes, ex-companheiros ou ex-cônjuges, registrando-se uma fluidez assinalável entre as categorias amigo e amante.

A par da importância conferida à amizade, registou-se uma perda da centralidade dos relacionamentos sexuais/amorosos nas narrativas dos entrevistados. Verificou-se uma clara tendência no sentido da depreciação da relação em casal, tanto por parte de pessoas envolvidas em relações como por parte de pessoas sozinhas. Apenas uma das entrevistadas, uma imigrante de data recente e com família no estrangeiro, considerava o respectivo companheiro a pessoa mais importante da sua vida, com exclusão de todas as outras. Para todos os outros entrevistados, as pessoas mais importantes eram, ou os amigos, ou um misto formado pelos amigos, companheiro ou companheira, filhos, e família. O que estes resultados traduzem é que o relacionamento sexual/amoroso raramente era concebido como sendo um espaço exclusivo da intimidade, e na verdade nem sequer chegava a ser o espaço primeiro dessa intimidade. Ao reflectirem sobre a sua situação, muitos entrevistados manifestaram a opinião de que esta perda de centralidade dos relacionamentos sexuais/amorosos decorria de uma experiência de divórcio ou do fim de um relacionamento longo e em regime de coabitação. A seu ver, a dor e o transtorno daí resultantes faziam com que as relações sofressem uma reorientação – ou seja, davam origem a dois fenómenos ligados entre si: a minimização dos relacionamentos sexuais/amorosos e a crescente valorização das amizades. Não se tratava, nesses casos, de uma fase passageira, e as pessoas envolvidas não regressavam às convencionais relações de casal na primeira oportunidade que se lhes deparasse. Ao entrevistar de novo as pessoas, passados entre um ano e meio a dois anos, verificou-se uma assinalável consistência na priorização da amizade.

A investigação aqui relatada demonstra portanto, e de forma concludente, que as pessoas entrevistadas não praticavam o modelo heteronormativo e “companheirista” do casal conjugal,¹⁴ o qual estabelece que o relacionamento sexual/amoroso implica a coabitação (se não já o casamento), que ele é o

¹⁴ Sobre a ascensão do modelo do *companionate marriage* como ideal dominante durante o período do pós-guerra, ver Finch e Mansfield, 1991. Para uma análise mais aprofundada da não-coabitação por parte dos entrevistados, ver Roseneil, 2006.

espaço primeiro (se não exclusivo) da intimidade, e que se não atingiu essa meta, é para ela que, pelo menos, se dirige. Muito poucas de entre as pessoas entrevistadas manifestaram o desejo consciente de fazer parte de um casal ou de uma família a viver, convencionalmente, em regime de coabitação. Em desconformidade com a teleologia das relações, a qual, sendo heteronormativa e dominante, estipula que uma relação deve “ir ter a algum lado” – sendo que esse algum lado é a partilha de um tecto e um comprometimento de longo prazo –, o relacionamento sexual/amoroso surge descrito como algo que tem a ver com a construção do prazer mútuo no tempo presente. Como tal, esse relacionamento implica um importante grau de reflexão e de amadurecimento, bem como de debate e negociação. De entre os entrevistados com companheiros, quase todos haviam *optado* por não viver juntos. Eram muito poucos os que encaravam a coabitação como o inevitável e desejável passo seguinte da sua relação, questionando implicitamente, desse modo, a expectativa segundo a qual o relacionamento sexual deve avançar, lógica e inexoravelmente, no sentido da coabitação, para depois, finalmente, “assentar”. Não obstante as diferenças de classe, de género e de sexualidade que os caracterizavam, os entrevistados, com apenas algumas excepções, não faziam da coabitação um objectivo inequivocamente almejado. Eram esmagadoramente firmes na sua ideia de não viver com um companheiro ou companheira, e quase todos consideravam as relações sem coabitação como modos de viver válidos e não como patamares no percurso para uma relação mais “condigna”. Muitos destes relacionamentos tinham também em comum a rejeição da narrativa romântica, distinguindo de forma clara o sexo do enamoramento, e havia um pequeno número de relacionamentos heterossexuais que apresentava óbvias semelhanças com os “parceiros de cama” mencionados por vários dos entrevistados *gays*.

Subjacente a estas orientações achava-se uma vasta e profunda ambivalência quanto ao modelo do casal vivendo em coabitação. Muitos dos relacionamentos sexuais/amorosos dos entrevistados davam-se fora do paradigma do desejo de “assentar”, tratando-se, em grande medida, de projectos em curso – ou seja, algo entendido e aceite como contingente, fluido, e ainda em evolução. Esta descrição contém ecos da noção de “relação pura” de Giddens (1992) e da metáfora do “amor líquido” de Bauman (2003). Tendo eu, noutro local (Roseneil, 2004), expressado críticas àquilo a que chamei o “pessimismo patriarcal” de Bauman, cuja visão da vida íntima contemporânea dá um quadro saudosista das famílias estáveis e das comunidades protegidas dos tempos de outrora, é de assinalar que o carácter processual e incerto de muitos dos relacionamentos sexuais/amorosos deste estudo tem ecos de alguns dos temas presentes na análise de Bauman.

A concluir

O que a investigação aqui descrita parece indicar é que, de um modo geral, os sociólogos não estão a dar-se conta da frequência com que as pessoas, normalmente por opção própria, têm vindo a substituir os laços de sangue pelos laços de amizade, mormente no que diz respeito ao apoio emocional e ao cuidado dispensado no quotidiano. A disciplina não se mostra capaz de dar conta do facto de as relações que estão no cerne das vidas íntimas das pessoas não poderem ser entendidas a partir da realidade “família”. Para conseguir ver a intimidade e o cuidado pela lente *queer*, é preciso que os sociólogos se ocupem do estudo daqueles que não fazem parte das famílias ou dos casais convencionais. Agora que cada vez mais pessoas passam porções significativas das suas vidas fora dessas formas de relacionamento, tal estudo poderá facultar-nos uma perspectiva acrescida sobre aqueles que vivem na crista das transformações sociais. No contexto da individuação e da desestabilização do binário homossexual/heterossexual, as práticas da intimidade e do cuidado deixaram de poder ser entendidas (se é que alguma vez o puderam ser) unicamente através do prisma das famílias e do parentesco. Com efeito, é bem provável que a indagação sobre as *redes e fluxos da intimidade e do cuidado*, sobre a extensão e configuração de tais redes, sobre a viscosidade e velocidades de tais fluxos, e ainda sobre as implicações da sua ausência, se mostre mais proveitosa, para a investigação futura, do que quaisquer tentativas de interpretar as vidas pessoais contemporâneas através de eventuais redefinições do conceito de “família”.¹⁵ Lançando o olhar sociológico sobre as intimidades e as práticas de cuidado onde quer que ocorram – no espaço público e no doméstico, no espaço laboral e no espaço virtual, entre amigos, entre parceiros sexuais, na família, entre vizinhos, entre colegas de trabalho ou simples conhecidos –, poderá fazer-se luz sobre práticas até agora só raramente estudadas pela sociologia da família. Impõe-se uma nova sociologia das relações pessoais, capaz de dar conta de um leque mais amplo de práticas de intimidade e cuidado.

Alargando as percepções sociológicas das mudanças ocorridas na vida pessoal para além do seu habitual enfoque na família e nas intimidades heterossexuais, este artigo propôs olhar os processos da transformação social por uma lente *queer*, de maneira a dar conta de práticas não-heteronormativas que raramente constam da agenda sociológica. As práticas da vida pessoal das pessoas abrangidas pela minha investigação – a concessão de prioridade à amizade, a correspondente perda de prioridade dos relacio-

¹⁵ Urry (2000) oferece uma poderosa explanação do valor das metáforas da mobilidade e do fluxo para a compreensão do mundo social contemporâneo.

namentos sexuais/amorosos, e a experimentação com relacionamentos sexuais/amorosos para lá do modelo do casal convencional – revestem-se de um grande significado potencial para a sociologia. Não obstante tratar-se de um estudo de uma dimensão relativamente pequena, o facto de o grupo de pessoas estudado se encontrar na vanguarda de processos de individuação e de constituir um sector da população em rápido crescimento faz com que os resultados da investigação apontem para uma tendência social importante e emergente – a *queerização* da vida pessoal. Há hoje um número cada vez maior de pessoas cujo viver põe em causa a divisão do social em modos de vida heterossexuais e homossexuais, e que contestam as normatividades da heterossexualidade e da hetero-relacionalidade. À medida que, cada vez mais, a vida íntima transcende não só a categoria “família” mas também o modelo do casal, certas práticas que antes poderiam ser vistas como claramente “homossexuais” – como sejam colocar a amizade no centro das nossas vidas e rejeitar a convencional conjugalidade em coabitação – estão a tornar-se cada vez mais difundidas.

Esta convergência entre modos de vida homossexuais e heterossexuais por parte de pessoas situadas num dos extremos do espectro da individuação está a dar-se em paralelo a uma convergência semelhante, localizada no outro extremo do espectro, por parte de quem opta por viver em casal, pela coabitação e, muitas vezes, por ter filhos. Tudo isto numa altura em que, em muitos países, as uniões civis e o próprio casamento se tornam acessíveis a parceiros do mesmo sexo em termos semelhantes aos que são concedidos ao casamento heterossexual. Apesar de ser ainda demasiado cedo para declarar por finda a hierarquia homossexual/heterossexual, tal binário está a ficar cada vez mais instável.

Tradução de
João Paulo Moreira

Referências bibliográficas

- Adam, B. (2001), “Families without Heterosexuality: Challenges of Same-Sex Partnership Recognition”. Comunicação apresentada em Janeiro de 2001 ao 4.º Seminário Internacional do ESRC Research Group for the Study of Care, Values and the Future of Welfare.
- Adam, B. (2003), “DOMA and American Exceptionalism. The ‘Gay Marriage’ Panic in the United States”, *Journal of the History of Sexuality*, 12(2), 259-276.
- Adams, R. G.; Allan, G. (orgs.) (1998), *Placing Friendship in Context*. Cambridge: Cambridge UP.

- Allan, G. (1979), *A Sociology of Friendship and Kinship*. London: George, Allen and Unwin.
- Allan, G. (1989), *Friendship: Developing a Sociological Perspective*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- Allan, G. (1998), "Friendship, Sociology and Social Structure", *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(5), 685-702.
- Altman, D. (1982), *The Homosexualization of America*. New York: St. Martin's Press.
- Barlow, A. *et al.* (2001), "Just a Piece of Paper? Marriage and Cohabitation in Britain", in A. Park *et al.* (orgs.), *British Social Attitudes: The 18th Report*. London: Sage.
- Bauman, Z. (2003), *Liquid Love*. Cambridge: Polity.
- Bech, H. (1999), "After the Closet", *Sexualities*, 2(3), 343-349.
- Beck, U.; Beck-Gernsheim, E. (1995), *The Normal Chaos of Love*. Cambridge: Polity.
- Beck, U.; Beck-Gernsheim E. (2002), *Individualization*. London: Sage.
- Berlant, L.; Warner, M. (2000), "Sex in Public", in L. Berlant (org.), *Intimacy*. Chicago: Chicago UP.
- Booth, A.; Hess, E. (1974), "Cross Sexual Friendships", *Journal of Marriage and the Family* 36, 38-47.
- Budgeon, S.; Roseneil, S. (2004), "Beyond the Conventional Family: Intimacy, Care and Community in the 21st Century", *Current Sociology*, 52(2).
- Castells, M. (1997), *The Power of Identity*. Oxford: Blackwell.
- Duncombe, J.; Marsden, D. (1993), "Love and Intimacy: The Gender Division of Emotion and Emotion Work", *Sociology*, 27, 221-241.
- Ermisch, J.; Francesoni, M. (2000), "Cohabitation in Great Britain: Not for Long, but Here to Stay", *Journal of the Royal Statistical Society, Series A*, 163(2), 153-171.
- Finch, J. (1989), *Family Obligations and Social Change*. Cambridge: Polity.
- Finch, J.; Mason, J. (1993), *Negotiating Family Responsibilities*. London: Routledge.
- Finch, J.; Mansfield, P. (1991), "Social Reconstruction and Companionate Marriage", in D. Clark (org.), *Marriage, Domestic Life and Social Change*. London: Routledge.
- Fischer, C. (1982a), "What Do We Mean by 'Friend'? An Inductive Study", *Social Networks*, 3, 287-306.
- Fischer, C. (1982b), *To Dwell among Friends*. Berkeley: University of California Press.
- Fischer, C. *et al.* (1977), *Networks and Places*. New York: Free Press.
- Fuss, D. (1991), *Inside/Out: Lesbian Theories, Gay Theories*. New York: Routledge.
- Giddens, A. (1992), *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*. Cambridge: Polity.
- Graham, H. (1987), "Women's Poverty and Caring", in C. Glendinning; J. Millar (orgs.) *Women and Poverty in Britain*. Brighton: Wheatsheaf.
- Hess, B. (1972), "Friendship", in M. W. Riley; M. Johnson; A. Foner (orgs.), *Aging and Society* Vol.3. New York: Russell.
- Hess, B. (1979), "Sex Roles, Friendship and the Life Course", *Research on Ageing*, 1, 494-515.

- Hey, V. (1997), *The Company She Keeps: An Ethnography of Girls' Friendships*. Buckingham: Open UP.
- Ingraham, C. (1996), "The Heterosexual Imaginary: Feminist Sociology and Theories of Gender", in S. Seidman (org.), *Queer Theory/ Sociology*. Oxford: Blackwell.
- Jamieson, L. (1998), *Intimacy: Personal Relationships in Modern Societies*. Cambridge: Polity.
- Jerrrome, D. (1984), "Good Company: The Sociological Implications of Friendship", *Sociological Review*, 32(4), 606-715.
- Lewis, J. (2001), *The End of Marriage? Individualism and Intimate Relations*. Edward Elgar: Cheltenham.
- Litwak, E.; Szelenyi, I. (1969), "Primary Group Structures and their Functions: Kin, Neighbours and Friends", *American Sociological Review*, 34, 465-81.
- Morgan, D. H. J. (1996), *Family Connections*. Cambridge: Polity.
- Nardi, P. (1992), "That's What Friends Are For: Friends as Family in the Gay and Lesbian Community", in K. Plummer (org.), *Modern Homosexualities: Fragments of Lesbian and Gay Experience*. London: Routledge.
- Nardi, P. (1999), *Gay Men's Friendships: Invincible Communities*. Chicago: Chicago UP.
- O'Connor, P. (1992), *Friendships between Women: A Critical Review*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- Pahl, R. (2000), *On Friendship*. Cambridge: Polity.
- Pahl, R.; Spencer, L. (2004), "Personal Communities: Not Simply Families of 'Fate' or 'Choice'", *Current Sociology*, 52(2), 199-222.
- Preston, J.; Lowenthal, M. (orgs.) (1996), *Friends and Lovers: Gay Men Write about the Families They Create*. New York: Plume.
- Rheingold, H. (1993), *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*. Menlo Park, CA: Addison-Wesley.
- Roseneil, S. (2000), *Common Women, Uncommon Practices: The Queer Feminisms of Greenham*. London: Cassell.
- Roseneil, S. (2002), "The Heterosexual/Homosexual Binary: Past, Present and Future", in D. Richardson; S. Seidman (orgs.), *The Lesbian and Gay Studies Handbook*. London: Sage, 7-44.
- Roseneil, S. (2004), "Sutured Selves, Queer Connections: Intimacy at the Cutting Edge of Individualization", CAVA Symposium "Rethinking Family Lives", Weetwood Hall, Leeds (Dezembro).
- Roseneil, S. (2005), "Living and Loving beyond the Boundaries of the Heteronorm: Personal Relationships in the 21st Century", in L. Mackie; S. Cunningham-Burley; J. McKendrick (orgs.), *Families in Society: Boundaries and Relationships*. Bristol: Policy Press, 241-258.
- Roseneil, S. (2007), *Sociability, Sexuality, Self: Relationality and Individualization*. London: Routledge.

- Roseneil, S.; Budgeon, S. (2004), "Cultures of Intimacy and Care Beyond the Family: Personal Life and Social Change in the Early Twenty-First Century", *Current Sociology*, 52 (2), 135-159.
- Roseneil, S.; Mann, K. (1996), 'Backlash, Moral Panics and the Lone Mother', in E. Silva (org.), *Good Enough Mothering? Feminist Perspectives on Lone Motherhood*. London: Routledge.
- Sedgwick, E. Kosofsky (1991), *Epistemology of the Closet*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- Shields, R. (org.) (1996), *Cultures of Internet: Virtual Spaces, Real Histories, Living Bodies*. London: Sage.
- Silva, E. B.; Smart, C. (orgs.) (1998), *The New Family: The New Practices and Politics of Family Life*. London: Sage.
- Silva, E.; Smart, C. (orgs.) (1998), *New Family? The New Practices and Politics of Family Life*. London: Sage.
- Simmel, G. (1950), *The Sociology of Georg Simmel*, trad. e org. de K. H. Wolff e R. Bendix. New York: Free Press.
- Smart, C.; Neale, B. (1999), *Family Fragments*. Cambridge: Polity.
- Social Trends* (2006), <http://www.statistics.gov.uk/socialtrends36/>.
- Spencer, L.; Pahl, R. (2006), *Rethinking Friendship: Hidden Solidarities Today*. Princeton, NJ: Princeton UP.
- Stacey, J. (1996), *In the Name of the Family: Rethinking Family Values in the Postmodern Age*. Boston: Beacon Press.
- Stacey, J. (2002), "Fellow Families? Genres of Gay Male Intimacy and Kinship in a Global Metropolis", CAVA International Seminar Paper, www.leeds.ac.uk/cava/papers/intseminar3stacey.htm.
- Stacey, J. (2004), "Cruising to Family Land: Gay Hypergamity and Rainbow Kinship", *Current Sociology*, 52(2), 181-198.
- Stack, C. (1974), *All Our Kin: Strategies for Survival in a Black Community*. New York: Harper and Row.
- Urry, J. (2000), *Sociology beyond Societies: Mobilities for the Twenty-First Century*. London: Routledge.
- Van Every, J. (1999), "From Modern Nuclear Family Households to Postmodern Diversity? The Sociological Construction of 'Families'", in G. Jagger; C. Wright (orgs.), *Changing Family Values*. London: Routledge.
- Wakeford, N. (1998), "Urban Culture for Virtual Bodies: Comments on Lesbian Identity and Community in San Francisco Bay Area Cyberspace", in R. Ainley (org.), *New Frontiers of Space, Bodies and Gender*. London: Routledge.
- Weeks, J. (1995), *Invented Moralities: Sexual Values in an Age of Uncertainty*. Cambridge: Polity.

- Weeks, J.; Donovan, C.; Heaphy, B. (1999), "Everyday Experiments: Narratives of Non-Heterosexual Relationships", in E. Silva e C. Smart (orgs.), *The "New" Family?* London: Sage.
- Weeks, J.; Heaphy, B.; Donovan, C. (2001), *Same Sex Intimacies: Families of Choice and Other Life Experiments*. London: Routledge.
- Weston, K. (1991), *Families We Choose: Lesbians, Gay Men and Kinship*. New York: Columbia UP.
- Whyte, W. H. (1943), *Street Corner Society*. Chicago: Chicago UP.
- Wright, C.; Jagger, G. (orgs.) (1999), *Changing Family Values*. London: Routledge.